
Análise do tédio e do cansaço: A historicidade dos sofrimentos psicológicos em Heidegger e Byung-Chul Han

Analysis of boredom and tiredness: The historicity of psychological sufferings in Heidegger and Byung-Chul Han

Análisis del tedio y el cansancio: La historicidad de los sufrimientos psicológicos en Heidegger y Byung-Chul Han

Recebido: 10/08/2022 | Aceito: 22/01/2023 | Publicado: 30/03/2023

Marcos Vinícius da Cruz

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4066-1092>
Universidade de Sorocaba, Brasil
E-mail: marcosvinicruz@gmail.com

Andressa Melina Becker da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5630-7843>
Universidade de Sorocaba, Brasil
E-mail: andressa.silva@prof.uniso.br

Resumo

Este trabalho, de caráter ensaístico, se propõe a uma leitura interpretativa de três obras de Byung-Chul Han: *Sociedade do Cansaço*, *Sociedade da Transparência* e *Psicopolítica*; e de duas de Martin Heidegger: *Os conceitos fundamentais da metafísica* e *A questão da técnica*, com objetivo de estabelecer uma possível relação quanto à compreensão do mundo atual e suas formas de sofrimento psicológico. Pôde-se alcançar como resultados a compreensão da historicidade como condição de possibilidade desses sofrimentos. Ocorrem por meio da restrição da condição humana na época atual pela exploração de si mesmo e pelas estruturas da técnica junto à primeira e segunda forma do tédio, que realizam um afastamento da condição mais própria do ser-aí e por uma restrição do nexa com o corpo vivido pela pressão por desempenho e pela produtividade. Considerou-se igualmente que os autores parecem adotar epistemologias diferentes que, embora permitam aproximações, não permitem ser equiparadas.

Palavras-chave: Sofrimento psicológico; Determinantes Sociais da Saúde; Técnica; Tédio.

Abstract

This essay proposes an interpretive reading of three works by Byung-Chul Han: *Society of Tiredness*, *Society of Transparency* and *Psychopolitics* and two by Martin Heidegger: *The Fundamental Concepts of Metaphysics* and *The Question Concerning Technology*; with objective of establishing a possible relationship regarding the understanding of the contemporary world and its forms of psychological suffering. As a result, it was possible to achieve the understanding of historicity as a condition for the possibility of these sufferings. They occur through the restriction of the human condition at the present time by the exploration of oneself and by the structures of technique along with the first and second forms of boredom, which carry out a distancing from the condition most characteristic of the being-there and by a restriction of the nexus with the living body by pressure for performance and productivity. It was also considered that the authors seem to adopt different epistemologies that, although they allow approximations, do not allow to be equated.

Keywords: Psychological Distress; Social Determinants of Health; Technique; Boredom.

Resumen

Este ensayo propone una lectura interpretativa de tres obras de Byung-Chul Han: *Sociedad del Cansancio*, *Sociedad de la transparencia* y *la Psicopolítica*; y dos de Martin Heidegger *Los Conceptos Fundamentales de la Metafísica* y *La Cuestión de la Técnica*, con el objetivo de establecer una posible relación en cuanto a la comprensión del mundo actual y sus formas de sufrimiento psicológico. Como resultado, fue posible alcanzar la comprensión de la historicidad como condición de posibilidad de estos sufrimientos. Se dan por la restricción de la condición humana en la actualidad por la exploración de sí mismo y por las estructuras de la técnica junto con la primera y segunda forma de tedio, que efectúan un alejamiento de la condición más característica del ser-aquí y por una restricción del nexa con el cuerpo vivido por la presión por el desempeño y la productividad. También se

consideró que los autores parecen adoptar epistemologías diferentes que, si bien permiten aproximaciones, no permiten equipararse.

Palabras clave: Distrés Psicológico; Determinantes Sociales de la Salud Técnica; Tédio.

Análise do tédio e do cansaço: A historicidade dos sofrimentos psicológicos em Heidegger e Byung-Chul Han

O mundo contemporâneo, no modo de organização social neoliberal apresenta modos de sofrimento psíquicos próprios (Mattar, 2020). O interesse pelos condicionantes histórico-sociais dos adoecimentos, em dimensões filosóficas, parece estar presente nos escritos do filósofo Martin Heidegger e nos de Byung-Chul Han. Segundo Casanova (2020), por sobre a relevância das descrições de caráter nosológico, a Fenomenologia desde seu início passou a considerar os fenômenos por ela observados com base apenas em seus próprios conteúdos. Desenvolvida a partir da crítica epistemológica às ciências de sua época, o método fenomenológico é concebido por Edmund Husserl (2015) com o propósito crítico de não atribuir posicionamentos ontológicos prévios, pressupostos de natureza, aos seus objetos (Feijoo, 2011).

A atitude fenomenológica se apresenta como investigação filosófica pelos fluxos e movimentos de intencionalidade da consciência junto aos seus objetos correlatos, nos modos mesmos de seu apresentar-se (*phainesthai*). Afirma Casanova (2020) que o filósofo Martin Heidegger introduz a dimensão hermenêutica à Fenomenologia. Dessa forma, os fenômenos apontam não apenas para seus aspectos normativos ou características hipostasiantes, mas remetem para as estruturas prévias de interpretação, segundo as quais eles mesmos se fenomenologizam. A atitude fenomenológica, já sob interpretação heideggeriana, consiste então de uma atitude compreensiva que se atenta para a tradição, a historicidade dos fenômenos. São, por atenção a esses elementos, analisados nesse trabalho dois textos de Heidegger.

Em *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo finitude e solidão* (2015a) o aparecer do tédio desponta para o filósofo como tonalidade afetiva desveladora da condição mais própria do ente humano, que se depara com um estranhamento, uma ausência originária de sentido e uma negatividade. Condição essa que, embora própria ao ente humano, é inquietante, da qual o ser-áí busca constantemente esquivar-se em direção ao mundo e seus afazeres (Casanova, 2017). Em *A questão da técnica* (2007), o filósofo analisa o desenrolar da técnica como a essência do mundo moderno e contemporâneo, em que a *com-posição*¹

1 Tradução utilizada por Casanova (2021) para o termo *gestell*. Traduzido também por maquinação ou por armação (Heidegger, 2007) e que, interpretativamente, poder-se-ia aproximar da *positividade* de Han.

(*gestell*) torna tudo – mesmo o próprio ente humano, passivo de ser produzido tecnicamente.

O filósofo Byung-Chul Han (2017) aponta como concernentes às enfermidades psíquicas da sociedade neoliberal, dentre outros elementos, o excesso de positividade, que pode levar ao esgotamento. Essa parece ser a compreensão do autor acerca das condições de possibilidade de compreensão das dimensões psicossociais de algumas psicopatologias particulares da contemporaneidade, como a depressão ou os transtornos de ansiedade. A atenção para o contexto histórico-social está na base de sua análise e se apresenta nos três textos analisados. Em *Sociedade do Cansaço* (Han, 2017) e *Sociedade da Transparência* (Han, 2020) o autor toma a análise desses fenômenos nominais como referências e perspectivas de observação da sociedade, de modo a apontar a positividade, a pressão por desempenho, o aumento do ritmo de vida, (velocidade da informação e hipercomunicação) e a ausência de negatividade (incapacidade de negação, uniformização e vigilância sobre si mesmo), dentre outros elementos, como condicionantes desses adoecimentos. É na obra *Psicopolítica* (Han, 2020) que o autor descreveu esses fenômenos como constituintes de uma estrutura técnica de poder da sociedade neoliberal.

Precisamente sobre essa referência mútua e necessária dos conteúdos fenomênicos à sua dimensão de historicidade na qual se constituem é que se funda a hipótese e o objetivo deste trabalho bibliográfico e ensaístico: um aporte reflexivo para tal temporalidade na base dos fenômenos de sofrimento mental a partir desses dois autores. Nesse sentido, enquanto Byung-Chul Han acena para a constituição das relações que estruturam a sociedade conforme a positividade, a transparência e a ausência da negatividade, Heidegger acena para a estrutura do tédio profundo como “tonalidade afetiva fundamental de nosso filosofar” (Heidegger, 2015a, p. 77).

Martin Heidegger: o tédio

O filósofo Martin Heidegger realizou uma análise do fenômeno que apontou como a tonalidade afetiva fundamental da época: o tédio (Heidegger, 2015a). O tédio pode se apresentar como um sofrimento em si mesmo, pelos efeitos imediatos de uma ausência de sentido e de um encontro incômodo com a condição de estar entregue a si mesmo em um tempo que se alonga. É o que parece ocorrer em momentos de espera em que o entediante é “modorrento, aborrecedor; que não estimula nem excita, não nos oferece nada, não tem nada para nos dizer, não tem nada a ver conosco” (Heidegger, 2015a, p. 111). Ou ainda, o tédio pode se apresentar veladamente como condição de possibilidade de outros sofrimentos psíquicos, quando não se apresenta imediatamente como tédio, mas parece estar tacitamente presente no buscar mais intensamente pelos afazeres. Nessa modalidade, as atividades

incessantes se prontificam a atuar para se evitar a possibilidade do encontro com a própria condição de ser-aí, na densidade de seu ter de ser si mesmo. O entediarse se mostra como desconforto que questiona os sentidos estabelecidos dos afazeres, lançando em meio a esse questionar, por sobre o ser-aí, a condição de angústia como sua condição própria, uma vez que se encontra previamente indeterminado e lançado às possibilidades de ser (Heidegger, 2015b).

Segundo Casanova, em sua leitura de Martin Heidegger, todos os sofrimentos se ligam com a estrutura de mundo, pois é esse contexto que demarca e oferece a “possibilidade de algo se mostrar *como* sofrimento”² (Casanova, 2020, p. 10). Essa compreensão acena para a condição de todos os sofrimentos psíquicos serem constituídos por um mundo que os articule em seus significados e sentidos. Isso significa também uma necessária referência às relações historicamente constituídas para se compreender os fenômenos na amplitude de sua origem. É segundo essa compreensão que o filósofo se depara com o tédio como um fenômeno amplamente presente, como traço do mundo contemporâneo. O tédio se revela por um lado como um sofrimento em si mesmo e, por outro, como uma tonalidade afetiva que parece atuar como condição de possibilidade de outros sofrimentos psíquicos.

Heidegger, em *Ser e Tempo*, aponta a temporalidade como o sentido do ser-aí³, em que e segundo o qual o “ser-aí em geral compreende e interpreta implicitamente ser” (Heidegger, 2015b, p. 55). É sob essa perspectiva que Heidegger se dedicou à analítica da historicidade, atentando-se aos modos de abertura fundamentais desse mundo, segundo os quais tudo vem a alcançar significado e lugar. Essa articulação que já se realiza desde sempre é efetivamente designada pelo ser-aí como ser-no-mundo (Heidegger, 2015b), estrutura segundo a qual os modos de abertura fundamentais são a compreensão, o discurso e, no que mais nos toca proximamente, a afetividade⁴.

Em busca do despertar da tonalidade afetiva do filosofar atual, Heidegger (2015a) dedica a preleção *Conceitos Fundamentais da Metafísica*, proferida entre 1929 e 1930. O filósofo aponta que concerne ao homem um desconforto de estrangeiridade, uma saudade da pátria, um “impulso para se estar por toda parte em casa” (Novalis, 1923, como citado em Heidegger, 2015a, p. 7). Com essa indicação se compreende que o próprio homem se constitui de uma negatividade, um não estar em casa, como também, ante essa condição, se impulsiona para a totalidade. A saudade da pátria como um impulso do homem à totalidade (mundo) é a primeira tonalidade afetiva fundamental percebida pelo filósofo durante essa preleção (Heidegger, 2015a).

2 Grifo do autor.

3 Optou-se durante todo esse trabalho por “ser-aí”, referindo-se ao *dasein* heideggeriano.

4 Significando disposição (Heidegger, 2015b).

O desvelar dessa primeira tonalidade afetiva representa um significativo acesso fenomenológico à constituição das tonalidades afetivas em geral, que se caracterizam como *stimmung* (em tradução do alemão), isto é, como um desdobramento da disposição (*befindlichkeit*) em um clima ou atmosfera que envolve as situações em que o ser-aí se encontra (Casanova, 2021). Embora ao decorrer da tradição filosófica (e psicológica, diga-se) passou-se a considerar também os aspectos psicológicos dos diversos estados anímicos como tonalidades afetivas: a “euforia, satisfação, bem-aventurança, tristeza, melancolia, ira” (Heidegger, 2015a, p. 84), não se pode reduzi-las aos aspectos psicológicos, pois não se revelam como algo que está aí e pode ser apenas constatado ou que recai simplesmente sobre a alma, o sujeito ou sobre a interioridade. Elas concernem à existência mesma, enquanto *stimmung*, às modalidades de ser do ser humano – especialmente em se tratando de uma saída do fundamento da subjetividade às possibilidades de trato com o sofrimento humano que se encaminham desde a fenomenologia-hermenêutica (Dastur & Cabestan, 2015; Feijoo, 2011; Holzhey-Kunz, 2018).

Em outras palavras, não se refere a algo ôntico, mas se trata propriamente da categoria ontológica da existência na determinação essencial do que aparece, o fenômeno. Como tal, é segundo essas tonalidades que todas as coisas já sempre aparecem. Assim, não se pode produzir uma tonalidade afetiva, mas já se está sempre afinado com alguma delas. Pode-se apenas constatar as tonalidades afetivas – ao qual corresponde a afinação – sob a consideração da estrutura de ser-aí e deixá-las despertar (Heidegger, 2015a).

Na consideração de que os fenômenos sempre aparecem articulados afetivamente, a Heidegger se lançou a questão sobre a tonalidade afetiva de sua época. A tonalidade que se apresentou foi o tédio. Por que dentre tantas o tédio? Poder-se-ia questionar o filósofo. Considerando que as tonalidades afetivas não são vivências ou sentimentos, pode-se também compreender não se tratarem de estados restritamente individuais. Ao decorrer de sua preleção, no intento de despertar a tonalidade afetiva fundamental do filosofar atual, Heidegger percebe e compreende que se abateu sobre o ser humano contemporâneo uma tristeza (Heidegger, 2015a). Assim é que Heidegger alcança o tédio como, fundamentalmente, o ter se tornado desinteressante do ser humano para si mesmo (Heidegger, 2015a). Essa tristeza e desinteresse se mostram na constatação da própria dificuldade de se deixar despertar a tonalidade afetiva fundamental. Tristeza realiza um fechamento, uma dificuldade de acesso. O ser do ser humano por ela se retraiu. Isso não significa, entretanto, o estereótipo da tristeza como o humor retraído ou postura cabisbaixa, mas “talvez passemos mesmo a encontrá-lo [o

ser humano] ainda mais frequentemente e venhamos mais ao seu encontro” (Heidegger, 2015a, p. 86). Essa retração que obstaculiza o acesso não é, conforme dito, algo que recai por sobre o ser humano, mas “o *como* de nosso ser-aí-comum”⁵ (Heidegger, 2015a, p. 87).

De ambas as citações é possível apreender que tonalidades afetivas não são nem uma vivência individual ou subjetiva, nem uma propriedade ôntica das coisas. Como traço ontológico, concerne ao que de início já instaura um determinado modo de convivência, isto é, “o jeito originário, no qual todo e qualquer ser-aí é como ele é” (Heidegger, 2015a, p. 88) e que faz com que todas as coisas apareçam ao ser-aí como agradáveis, prazerosas, desagradáveis, amedrontadoras, familiares, dentre outros modos.

Consequente ao ser-aí-comum pode-se perceber que a tristeza retratada por Heidegger aparece mesmo sob modalidade de um encontrar mais frequentemente desse ser humano cotidiano, ou seja, tristeza pode ser tematizada também no aumento das atividades. Uma outra perspectiva que se pode perseguir é a compreensão de que, como atmosfera na qual já sempre se está inserido, possa se encontrar aí a origem mesma das afinações. Uma tonalidade afetiva fundamental que “nos toca – a cada um de nós” (Heidegger, 2015a, p. 97) na unidade da situação. Por situação entende-se igualmente a estrutura da disposição, ou seja, emerge a questão “onde nos encontramos?” (Heidegger, 2015a, p. 100). Essa questão revela a dimensão originária da tonalidade afetiva fundamental ao questionar a circunstância à qual *nos encontramos*, isto é, a conformidade com a medida epocal na qual o ser-aí concebe seu próprio ser em sentido e significado.

Para o pensador, opera-se pela análise das filosofias da cultura a busca pela apreensão de um sentido fundamental do homem a cada época. A percepção do tédio se mostra também no interior da dificuldade de se assegurar atualmente uma definição de homem. Ocorre que, simultaneamente que ao homem é legado um papel histórico, se realiza uma desconexão com ele mesmo. Procurar assegurar um papel significa uma carência essencial de um lugar (Heidegger, 2015a). Há, portanto, uma falta, uma insignificância originária que encontra dificuldade no acesso do ser humano a si mesmo. O homem teria se tornado insignificante a si mesmo. Questiona Heidegger: “por fim, tudo se passa conosco de tal forma que um profundo tédio se arrasta para cá e para lá como uma nuvem silenciosa por sobre os abismos do ser-aí?” (Heidegger, 2015a, p. 101).

Algo percebido em conjunto com a constatação do tédio como tonalidade afetiva fundamental é efetivamente a condição de que, em geral, ele não está presente de modo desperto. Na azáfama dos afazeres cotidianos em geral, o ser humano permanece entregue às

5 Grifo nosso.

ocupações (Heidegger, 2015b). Nelas, a estrutura de sentido e significados legada pelo mundo permanece estável e o ser-aí se mantém absorvido, de maneira tal que sua condição existencial mesma dormita, embora ela possa sempre despertar pela angústia (Heidegger, 2015b). Algo característico do tédio é a condição histórica de ele não apenas permanecer dormente, como ativamente ser mantido assim por uma série de estratégias de evitação ou de estimulações constantes. Afirma Heidegger que em geral “nós não queremos por fim saber dele, mas buscamos sim constantemente nos *evadir* dele” (2015a, p. 103). Essa é, por sinal, uma condição própria que permite entender a designação do tédio como uma tonalidade afetiva que perpassa toda uma época.

O tédio então, em sua primeira forma analisada por Heidegger (2015a), emerge frequentemente como um desconforto em virtude de um ente que aparece como entediante. Nesse caso, pode parecer inicialmente que o tédio se mostra como uma propriedade dos entes que tomam o ser-aí e o lançam em uma inquietude ante uma coisa ou momento entediante. Tratar-se-ia então de coisas entediantes. Uma rodoviária na qual se fica à espera de um ônibus, um livro difícil de ser terminado, uma palestra monótona sobre um tema desinteressante (Casanova, 2021). Nesse caso, contudo, ele se apresenta efetivamente como uma ruptura desconfortável do cotidiano, especialmente quanto à temporalidade, até que o esperado ocorra. Há nessa experiência um *ainda não*, um interregno entediante (Heidegger, 2015a).

O que está contido na terminologia *tédio* é, segundo a língua alemã (*langeweile*), um tempo longo. O que a primeira forma do tédio opera quanto à temporalidade é a quebra de uma vinculação de continuidade com tempo, um tornar-se hesitante do tempo, seu alongar-se *demais*. Um estar retido por um tempo que hesita faz que seja o ser-aí entregue a si mesmo. Estar entregue a si mesmo, entretanto, que aparece de maneira vazia, já que os entes ao redor nada solicitam e nada ajudam. Algo percebido ao lidar com essa modalidade do tédio é a busca por passatempos (Casanova, 2021; Heidegger, 2015a).

O passatempo é o efetivo esforço de afastamento do tédio pelo encontrar de algo com que se entreter, isto é, pela criação de um tempo curto que visa se contrapor a essa experiência emergente de tempo longo (Heidegger, 2015a). Algo buscado não pela importância ou utilidade da ocupação em si, mas por sua capacidade de estimular o tempo, retirando o ser-aí de sua condição de estar entregue de modo vazio a si mesmo. Nesse caso, enfim, a entrega que essa modalidade do tédio realiza do ser humano a si mesmo não possibilita um processo de abertura, em geral, para com a própria condição de ser-aí no deixar vir à tona de um tédio mais profundo. Apenas acena para essa tonalidade afetiva que tem ainda dimensões mais

profundas.

A segunda forma do tédio é possivelmente a que mais se assemelha à condição percebida por Heidegger quanto à mencionada tristeza, segundo a qual podemos passar a encontrar ainda mais frequentemente o ser humano. Trata-se do *entediarse junto a algo*. A diferença que se revela para com a primeira forma é que aquela está vinculada a algo que se revela como entediante. Esse *entediarse junto à* diz respeito já a uma condição que toca mais propriamente o ser-aí. O tédio aqui se associa ainda a uma coisa, mas já não exclusivamente, pois dela se descola. É o ser-aí quem está entediado (Heidegger, 2015a).

Um exemplo dessa condição é descrito pelo próprio filósofo no relato de um suposto convite para uma festa, à qual se é convidado depois de um dia carregado de tensão. A festa é agradável e divertida em diversos de seus aspectos. “Estamos, sim, totalmente presentes no espaço de realização da festa [...]” (Casanova, 2021, p. 42). Entretanto, aí, junto à festa, entedia-se (Heidegger, 2015a). Esse tédio que não se identifica com nada ao redor aparece sob uma forma velada de um “não sei o quê” (Heidegger, 2015a, p. 151). O tédio aí presente não se vincula a algo que possa ser descrito entediante, nem o tempo parece hesitar. Também o ser humano não se apresenta inquieto diante dessa hesitação, mas ainda mais ativo. O que demarca esse modo do tédio é efetivamente o que ocorre ao ser-aí: a combinação, nesse exemplo, de o dia ter sido tenso e de se ter tempo.

O convite à festa cai com justeza ante a condição possível de estar entregue ao aprofundamento em si mesmo, possibilidade legada pelas circunstâncias da tensão do dia e do ter tempo. Nesse caso, a festa toda é um passatempo, pois realiza uma retirada do ser-aí diante da possibilidade de permanecer entregue à sua condição originária. Afirma Heidegger que “neste deixar rolar alvorece uma *via de escape para longe de nós mesmos*, para junto do que se transcorre⁶” (Heidegger, 2015a, p. 156). A relação que essa forma mantém com a temporalidade não é de um aparecer hesitante do tempo, senão de um tempo tornado estagnado durante toda a festa. Tornar estagnado o tempo tem, efetivamente a função de “matar”, desperdiçar o tempo (Heidegger, 2015a).

Diante da segunda forma, poder-se-ia tomar essa perspectiva para olhar para o sentido velado, quando o fenômeno o sugere, de muitas atividades humanas da sociedade contemporânea, de formas de entretenimento ao trabalho, dos cuidados de si às formas de relacionamentos. De modo amplo, pode-se recorrer à compreensão do mesmo pensador sobre a essência predominante desde a modernidade: a técnica (Heidegger, 2007). Sendo a técnica para Heidegger o modo predominante de dação do próprio ser na modernidade, todas as coisas

6 Grifo do autor.

– com ser humano aí incluso – vêm a ser dentro de um posicionamento relacional (Heidegger, 2007). A estrutura da técnica como medida epocal aponta que todas as coisas recebem sua posição numa rede referencial. Na verdade, uma com-posição dentro de uma condição epocal em que aparentemente tudo, das coisas às experiências, podem ser não apenas produzidas, mas reposicionadas incessantemente (Casanova, 2021). Isso se revela pelo fascínio diante da velocidade dos avanços técnicos, em um enfeitiçamento pela maquinação (Casanova, 2021; Heidegger, 2015a). O ser-aí tornou-se entediado, ou seja, desinteressante para si mesmo, a um só tempo que o mundo recebeu um encantamento no interior da técnica (Heidegger, 2015a).

Uma escuta aprofundada de sofrimentos contemporâneos como a depressão parece apontar para a interface entre a técnica por um lado e as retenções e modalidades de temporalidade do ser-aí no tédio por outro, constituindo essa analítica um caminho fenomenológico de compreensão – como afirma Cristine Mattar (2020). Os afastamentos da condição de indeterminação do ser-aí ante sua ausência de fundamento e de sua temporalidade própria (Heidegger, 2015b) se revelam mais uma vez na ausência ou dificuldade de manutenção da abertura diante da negatividade originária. Em nosso caso, na dificuldade de deixar que se desperte propriamente o tédio profundo, que se afine o ser-aí com ele (Heidegger, 2015a).

Nesse sentido, o que poderia se emergir no interior de uma terceira – e mais profunda – forma do tédio seria o encontro mesmo com a temporalidade do ser-aí. Tal encontro em que essa temporalidade não se condiciona à posse do tempo ou ao seu curso hesitante, mas se revela em sua condição originária. Ou seja, como horizonte mesmo de toda possibilidade de ser o ser-aí (Heidegger, 2015a). Essa terceira forma não trata de algo entediante, tampouco de um entediar-se junto a algo, mas de “*é entediante para alguém*”.

Segundo essa forma profunda o tempo mesmo se alonga, revelando na amplitude da temporalidade a indeterminação própria da condição de ser-aí – como se poderia perceber pelo “é” e pelo “alguém”, não se tratando nem de uma forma determinadamente ôntica do tédio, nem de um ser-aí determinado. Assim disposto o ser-aí não mais pode encontrar referências extensas para se guiar então mais uma vez para o dentro do mundo da impessoalidade, em uma condição de banimento do horizonte temporal (Heidegger, 2015a). As estruturas co-originárias da técnica e do tédio, por fim, parecem permitir uma aproximação temática com a incessante demanda por positividade, produtividade e transparência descritas por Han.

Byung-Chul Han: O cansaço

A análise de Byung-Chul Han, em sua obra *Psicopolítica* (2020), aponta para um modo histórico particular de organização da sociedade, que aqui percebemos parecer atuar como condição de possibilidade para os mencionados sofrimentos psíquicos. Conforme Han, eles são possíveis sob uma tal condição histórica na qual a liberdade uma vez almejada se mostra como uma coerção (Han, 2020). Para o autor esse modo se desenvolve a partir das transformações – ou, digamos, da intensificação – na estrutura das relações sociais de produção e de valoração dos objetos e da própria vida. A análise empreendida por Han alcança então como última instância a estrutura histórica do neoliberalismo.

Ocorre que Han, admitindo o método analítico foucaultiano acerca do poder e das instituições, compreende que a sociedade disciplinar foi aprofundada pela estruturação da sociedade neoliberal (Han, 2017b). Han se utiliza da compreensão marxiana sobre a sociedade liberal, que se constitui como tal a partir das relações de produção (força de trabalho, modo de trabalho e meios de produção), organizadas segundo os interesses do capital para as classes dominantes (Han, 2020). Conforme seu entendimento, o conceito e a experiência da liberdade (livre concorrência), favorecida como valor nessa sociedade se revela como modo de exploração, uma vez que a concorrência proporciona não exatamente a liberdade individual, mas, por meio de sua exploração, a liberdade do próprio capital (Han, 2020, p.13). Nesse ponto da análise, Han (2020) se utiliza da analítica de Michel Foucault para observar como essa estrutura condiciona também os sentidos das relações, dos modos de ser em sociedade, das instituições e das configurações dos próprios corpos. Foucault – e Han, por consequência – aponta para o exercício de uma *disciplina*, na qual as estruturas e instituições se tornam instrumentais técnicos, capilares, de um poder disciplinar de docilização dos corpos (tempos e movimentos) para a produção mecânica. Especificamente por essa particular gestão da vida, ocorre aí uma *biopolítica* (Han, 2020). Um modelo de poder que se faz pela administração dos corpos, dos espaços, da vigilância oculta e da repressão dos desejos. Essa estrutura de uma sociedade disciplinar se estabelece como condição de possibilidade de formação para a subjetividade que aí se desenvolve, a partir da qual também o sujeito integra o modelo social disciplinar.

A esse modelo disciplinar, no texto *Sociedade do Cansaço*, Han (2017b) elabora o entendimento do modelo social organizado imunologicamente, afirma que “Trata-se de uma

época na qual se estabeleceu uma divisão nítida entre dentro e fora, amigo e inimigo, o próprio e o estranho” (Han, 2017b, p. 8). O período imunológico se fundamenta em uma alegoria com a estrutura das doenças virais, que guarda um nexos com a alteridade, por se relacionar com uma negatividade que sobrevém de fora. Ocorre que no modelo viral o poder aparece como “externo” e atuante sobre o sujeito, como um vírus que de fora do corpo nele se instala. Isso é significativo, pois, conforme o autor, com a depressão, a ansiedade ou o *burnout*, não mais se passa exatamente o mesmo. Essas são condições sem relação com um “fora” ao corpo, mas com os modos de estruturação mesmos da existência, segundo as suas condições de possibilidade legadas a partir das estruturas sócio-históricas da contemporaneidade. Isto é, do modo como o sujeito é concebido sob a condição de ter de ser. O período imunológico dá lugar ao período neuronal, segundo o qual o elemento representativo da negatividade ameaçadora (no período imunológico o vírus, a estranheza do externo) foi declinado em uma pobreza de negatividade. A violência desse período neuronal se dá pela “superprodução, pelo superdesempenho e pela supercomunicação” (Han, 2017b, p.16).

O período neuronal é o modelo que advém com o avanço da globalização e do neoliberalismo. Um modelo que não mais necessita da alteridade, pois funda um novo tipo de sujeito que se encontra empobrecido de possibilidades de resistências, possíveis não mais como defesas ante o que está fora do sujeito, mas como ab-reações (Han, 2017b). Isto é, a mudança no que está posto, condiciona também suas possibilidades próprias de exceção e resistência. Na verdade, ocorre um esforço para a ausência radical de negatividade, pois qualquer negatividade, obstáculo ou resistência é prejudicial ao fluxo incessante de informações sempre mais rápidas, ao consumo e à exposição imediata (Han, 2017a). Pela busca de eliminação de toda negatividade se instaura a ditadura da positividade (Han, 2017b). Nela, tudo deve ser transparente, nenhuma resistência deve ser apresentada, com o propósito de a comunicação se estabelecer sem mediações ou obstáculos ao capital. Transparência acontece, portanto, “quando eliminam de si toda e qualquer negatividade” (Han, 2017a, p. 9). Tal é a mudança paradigmática da sociedade disciplinar das instituições para a sociedade do desempenho, representada pelas “academias de *fitness*, prédios de escritórios, bancos, *shoppings centers* e laboratórios de genética” (Han, 2017b, p. 23).

Para o autor, essa demanda contemporânea por positividade e transparência revela-se o *pathos* que uniformiza as experiências das coisas, do tempo, da ação e que articula também a supervalorização da informação sobre o conhecimento e da imagem imediatamente exposta (Han, 2017a). Se a demanda por produção é mantida, a modalidade da produção é

transformada pela constituição da subjetividade estruturada sobre o desempenho, que cobra a si mesmo por produtividade, motivação por projetar-se constantemente e pela otimização incessante.

Conforme o autor, a passagem da sociedade liberal para o modelo neoliberal significa uma mutação do capitalismo, de um modelo de exploração externa para um modelo de autoexploração (Han, 2020) em que se substitui a *biopolítica* pela *psicopolítica* (Han, 2020). Segundo Han, portanto, a liberdade experimentada e oferecida na sociedade neoliberal representa uma forma mais efetiva de controle, segundo a qual a necessidade da coerção típica disciplinar não se efetua. A forma neoliberal do poder não atua de maneira repressiva, mas explora a própria liberdade:

Muito mais eficiente é a técnica de poder que faz com que as pessoas se submetam ao contexto de dominação *por si mesmas*⁷. [...] [um poder que] não nos impõe nenhum silêncio. Ao contrário, ele nos convida a compartilhar incessantemente, participando, dando opiniões, comunicando necessidades, desejos e preferências, contando sobre nossa própria vida (Han, 2020, pp. 26–27).

O ser humano, precisamente nesse contexto, encontra-se articulado por essa condição histórica. Afirma Han que todas as dinâmicas das atividades da vida são transformadas. Por exemplo, nas dimensões do trabalho, a figura do trabalhador explorado (referência à sociedade disciplinar) se torna a figura do empreendedor, o explorador de si mesmo. “Hoje cada um é um trabalhador que explora a si mesmo para sua própria empresa” (Han, 2020, p. 14). Mas e aqueles que não conseguem manter o ritmo incessante, sempre crescente em sua exigência por desempenho?

É na compreensão dessas situações que Han aponta para seus conceitos de cansaço e esgotamento. Sob a pretensa tentativa de inibição de qualquer negatividade ou resistência, a possibilidade mesma de atribuição de culpabilidade ou de causalidade ao sistema é mascarada, pois “quando se fracassa na sociedade neoliberal de desempenho, em lugar de questionar a sociedade ou o sistema, considera a si mesmo como responsável e se envergonha por isso” (Han, 2020, p. 16). Dificultada a atitude de questionamento, em geral, se impulsiona o indivíduo ao próprio caminho de esforçar-se no trabalho exploratório de si, um tipo de violência exercida no período neuronal, que articula o aparecimento da depressão e do *burnout* e que “apontam para um excesso de positividade” (Han, 2017b, p. 21). Afirma o autor que o *burnout* (Han, 2017b) carrega em sua denominação exatamente o sentido do

7 Grifo do autor.

queimar que esgota, consome até o fim seus recursos e combustíveis. Já para a depressão, Han (2017b) se refere às compreensões de Ehrenberg para afirmar o depressivo não como alguém cheio até o limite, mas esgotado pela exigência constante, e assumida sobre si, de ter de ser a si mesmo.

Para Han (2017b), o imperativo do desempenho tem efeitos por sobre a disposição da atenção. Ela agora se transpõe de seus aspectos contemplativos para a infinidade de estímulos que por todo o lado e tempo a solicitam. A experiência e possibilidade do tédio, em geral, fica mascarada pela mudança rápida dos focos de atenção, reduzindo mesmo a potência de se alcançar o tédio profundo, restaurador do espírito – Han utiliza a expressão “descanso espiritual” (2017b, p. 34).

Proximidade e distância: uma relação entre Heidegger e Han

Segundo uma exposição dos acenos filosóficos de ambos os pensadores, é possível agora dar encaminhamento à hipótese de estabelecimento de uma relação. Para isso, convém apontar aproximações e distanciamentos entre seus pensamentos. De início, há de se considerar que Han é cronologicamente posterior a Heidegger e, dadas algumas citações desse nos textos daquele (Han, 2017a, 2017b) e seu histórico acadêmico, pode-se compreender que Han é leitor de Heidegger. Esse aspecto é significativo por tornar presente que Han possui uma compreensão do pensar heideggeriano, que, seja mais ou menos apropriada ou aprofundada, utiliza e aplica em diálogo. Nesse mesmo sentido, pode-se perceber uma preocupação conjunta pela compreensão da época atual, uma hermenêutica de sua constituição mesma e as formas de sofrimento que uma tal conjuntura abre como possíveis, atuantes ou mesmo dominantes, sendo o ser-aí estruturado sempre como ser-no-mundo, condição em que se dá efetivamente a existência, isso é, como o mundo mesmo se abre enquanto momento estrutural do *aí* do ser-aí.

Ao olhar para a época atual, Han se atenta para as estruturas da sociedade, tal como as expõe elemento a elemento: cansaço (Han, 2017b), transparência, exposição, aceleração como, efetivamente, o modo contemporâneo de controle (Han, 2017a), entre outras. Ao que parece, esse modelo social é caracterizado como um aprofundamento para com o modelo social analisado por Foucault. A biopolítica tornou-se psicopolítica (Han, 2020), assumindo novas e mais aprofundadas formas de exercício do poder. As técnicas desse modelo político poderiam apenas alcançar êxito com a busca da transparência, uma fluidez que despe de negatividade o próprio sujeito, seus elementos e estruturas, como o pensamento, o prazer e a liberdade. Essa condição de aceleração constante das informações e da comunicação ao

imediatismo sem espera pode ser comparada com a compreensão heideggeriana – embora em níveis diferentes de analítica – da emergência da técnica como essência da modernidade e um modo mesmo do desabrigar (Heidegger, 2007) com que os entes vêm a ser o que são. Ocorre que esse desabrigar se realiza de maneira particular na modernidade, em que a natureza é desafiada, explorada, determinada em seu fundamento enquanto energia potencial, ou seja, enquanto reserva. Em último nível, isso significa que o mote da modernidade técnica é que tudo pode ser produzido (Casanova, 2021).

E quanto ao ser humano nessas condições? Para ambos os pensadores, o ser humano é lançado a uma condição de redução de sua dignidade ou mesmo anulado do processo: a hipervelocidade com que a comunicação deve se estabelecer demanda que as dimensões de negatividade do próprio ser humano sejam superadas, para que, nem interiormente, se obstaculize a transparência – como a fantasia ou o prazer, que jogam com a ambiguidade, ou a substituição da intimidade pela exposição total (Han, 2017a).

Casanova (2021) explica que a modernidade consistia, segundo a analítica heideggeriana, em uma tentativa de se dominar a natureza por meio da subjetividade. O sujeito se elevou como responsável pelo posicionamento de todas as coisas em seus lugares e referências. Ocorre que, para além da modernidade, o próprio sujeito foi ultrapassado pelo esquema posicionador, que se tornou autônomo (Casanova, 2021). O sujeito então é apenas mais uma posição entre as demais, ou seja, compreendido em seu ser no interior da relacionalidade que exige desse ser humano essa particular determinação. O ser humano é requisitado como técnico, no interior da *com-posição* (Heidegger, 2007), tornando mais restrita ao ser-aí sua condição originária. Ocorre ainda que o esquema posicionador não pode estruturalmente se comprometer com nenhuma posição produzida, o que significa que as configurações que são uma vez assumidas, imediatamente são superadas por uma outra configuração mais atualizada ou desenvolvida, que logo sofrerá outra vez o mesmo processo de reconfiguração (Casanova, 2021). Tal é a condição que se percebe também apontada pela estrutura do tédio ante um tempo precioso que hesita em passar (primeira forma) e com o ter tempo à disposição para desperdiçar em uma imersão positiva (segunda forma). Tem-se com isso, ainda que brevemente, uma proximidade entre concepções de sociedade da transparência em Han e a técnica como essência da modernidade em Heidegger.

Há de se notar que a estrutura da *com-posição* é, ao que parece, elemento comum nas compreensões de Foucault, Byung-Chul Han e Heidegger, tal como traduzida do alemão *gestell*, que Heidegger utiliza para alcançar a essência da modernidade. Assim dizendo, uma das traduções possíveis da *gestell* é dispositivo – termo utilizado na analítica foucaultiana e

que bem se conduz também ao modelo analítico de Han. Essa aproximação fundamental oferece a hermenêutica como proximidade metodológica entre os autores.

Uma outra possibilidade de aproximação refere-se ao aspecto mesmo da positividade (Han, 2017b). O modelo social que se afirmou em superação à modernidade deu-se sob uma estrutura política em que as relações de poder não atuam externamente sobre os corpos (conforme o modelo imunológico), mas se exercitam no interior mesmo dos indivíduos, interiorizadas em uma violência da positividade (Han, 2017b) – correspondência com o modelo neuronal. Essa violência se faz efetivamente pela demanda constante de positividade, que se expressa na exigência sempre crescente por desempenho e lega como sofrimentos próprios ao modelo neuronal o esgotamento (*burnout*) e a depressão. Nota-se aqui, e que se verá em seguida presente na base do pensar heideggeriano, a temporalidade. Tal forma de dominância exercida na sociedade neoliberal é articulada pela temporalidade, que aparece como aceleração. O que Han compreende como sociedade da aceleração é uma configuração da temporalidade que se destituiu da narratividade (Han, 2017a). Um movimento sem direção e nexos que se lança para além de uma meta. Uma temporalidade segundo a qual o movimento aparece como importante em si mesmo e que pressiona ser sempre crescente. A figura dessa temporalidade da aceleração é o prefixo *hiper* na hipercomunicação, hiperprodução ou hiperatividade (Han, 2017a).

Também em Heidegger se poderia perceber uma estrutura semelhante a uma demanda por positividade ao se observar que a primeira e a segunda forma do tédio se estruturam ambas por modos particulares de articulação da temporalidade (Heidegger, 2015a). Na primeira, tem-se a impressão de se perder um tempo importante (Casanova, 2021), ou seja, um tempo que poderia ser mais bem aproveitado do que este que se vive no *ainda não* do interregno temporal. O tempo aqui pode ser observado segundo um leve aceno utilitário. Estar lançado na improdutividade de um tempo que hesita em passar é estar entregue à condição mesma de ser-aí. Condição essa que se busca imediatamente afastar pelas tentativas de se retirar do estar presente a essa condição por meio dos passatempos (Heidegger, 2015a).

É possível perceber com essa segunda forma que o tédio mesmo não aparece delimitado com a forma que comumente se reconhece por tédio (isto é, pelo modo como aparece na primeira forma). Ele está presente de maneira velada. Essa condição é a que possibilita ao ser humano presentificar-se em um tipo de passatempo que se revela como tempo estagnado. Ou seja, por uma evitação mesma de ser entregue à condição de ser-aí, toda uma festa se revela como passatempo (Heidegger, 2015a). Segundo essa forma do tédio se poderia conceber também outras ocupações em seu perfil velado de passatempo – talvez

mesmo as pressões por desempenho e o trabalho atuem de forma a afastar ativamente o encontro com a condição mais própria do ser-aí. Nessa trilha, à guisa de hipótese, não poderia ser essa uma possibilidade de entendimento do sofrimento pelo esgotamento: o gasto de todas as energias em busca da evitação do vir à tona da indeterminação, vulnerabilidade e finitude próprias da existência? Por essa perspectiva, ao que parece, ambos os pensadores consideram os sofrimentos atuais como fenômenos concernentes à medida histórica atual (Han, 2020; Heidegger, 2015a).

Nesse sentido, compreender as formas de sofrimento atual significa atentar-se às suas condições de possibilidade. Elas delimitam o horizonte da condição humana nos modos como ela se realiza nessa temporalidade particular. Para Han essas condições parecem delinear-se na estrutura cultural, econômica e política que a sociedade assumiu com o advento do neoliberalismo (Han, 2020). Para Heidegger, essas condições são originariamente ontológicas, concernentes ao caráter fundamental do ser-aí como ser-no-mundo e do próprio mundo enquanto tal, que aparecem sob a tonalidade afetiva fundamental do tédio e sob a imagem da técnica, respectivamente (Heidegger, 2007, 2015a, 2015b). Dessa forma, o que Han (2017b) compreende como uma restrição das condições humanas por uma violência neuronal poderia ser comparado com a estrutura de inautenticidade (Heidegger, 2015b), sob a perspectiva de que em ambos os casos se parece tratar de uma retirada ou, no mínimo, de um mascaramento da condição originária do ser-aí. Diga-se, contudo, que em Heidegger a inautenticidade não se constitui de algo indesejável ou necessário de ser afastado, senão de um momento estrutural do ser-aí que já sempre se deixou absorver em mundo e, portanto, tendo já sempre se tornado inautêntico de si, pode igualmente sempre se apropriar de si mesmo (Heidegger, 2015b).

Outro existencial poderia ser evocado para lançar luz sobre uma semelhança entre os pensadores: a corporeidade. Ao que parece, para Han também o nexos com o corpo vivido se altera segundo as estruturas do neoliberalismo. Isso pode ser apreendido das assertivas sobre o cansaço e do esgotamento advindos de uma pressão por positividade, demanda incessante por desempenho que impossibilita o “descanso espiritual” (Han, 2017b, p. 34). Sob a égide do desempenho o desejo também se desfigura, tornando-se apenas prazer (Han, 2017a). Nessa conjuntura, portanto, a corporeidade se evidencia sob a positividade do desempenho e seus sofrimentos são descritos como provindos exatamente da ausência de negatividade. Sem descanso possível o esgotamento inaugura o *burnout* e a constância crescente da pressão do ter de ser instaura a depressão (Han, 2017b).

No que pensa Heidegger, o ser humano não escapa ao avanço da técnica, sendo ele mesmo requisitado em seu interior como um técnico. A técnica, com efeito, se constitui pelo

desafio à natureza, e essa torna-se mera reserva potencial (Heidegger, 2007). Parece ser possível, ao menos enquanto hipótese, compreender que na *com-posição* também a corporeidade se encontra aí articulada se o corpo vivido for tomado enquanto ente que pode ser tecnicamente produzido – ou compreendido também como reserva de recurso (como força de trabalho, por exemplo). Apontadas, pois, algumas semelhanças, pode-se proceder ao apontar de alguns distanciamentos.

De início é preciso considerar que existe, da perspectiva de Heidegger e na mesma obra analisada (Heidegger, 2015a), uma crítica às filosofias da cultura. Heidegger tem demarcadamente um interesse ontológico. Ao tratar do tédio, sua busca se dá pelo *ser entediado*, para despertar e manter desperta a tonalidade afetiva fundamental de nosso filosofar atual (Heidegger, 2015a). Segundo o pensador, as filosofias da cultura se desviam dessa finalidade ao conceber o tema sob a forma do conhecimento teórico ou da realização de um diagnóstico da cultura. Esse diagnosticar é um apresentar da cultura e do ser humano aí presente que não encontra efetivamente o ser-aí, pois nelas o ser humano é apresentado segundo seus feitos, não segundo sua condição mesma. Afirma o filósofo que “esta filosofia só chega a a-presentação do homem, mas nunca ao seu ser-aí” (Heidegger, 2015a, p. 99). Na não aproximação com a condição originária do ser-aí, afirma Heidegger (2015a), é que essa filosofia mantém velada a tonalidade afetiva fundamental do tédio. Se delineia em Heidegger, portanto, uma distinção entre os níveis ôntico e ontológico e, segundo essa perspectiva, mesmo que a filosofia de Han se realize sob uma metodologia hermenêutica e não como propriamente uma filosofia da cultura, poderia – como hipótese – a ser classificada pertencente aos níveis ônticos de análise.

Por outro lado, poder-se-ia adotar a perspectiva de Han, sob a qual a determinação epocal é propriamente constituída pelo conjunto das relações que estruturam a sociedade— nesse caso, neoliberal (Han, 2020). Ao olhar a partir dessa perspectiva para o interesse ontológico de Heidegger, parece poder ser descrita uma hipótese crítica ao distanciamento de seu pensamento para com as relações práticas, políticas e econômicas que determinam a vida humana em seus sentidos e possibilidades. Especialmente quanto aos sofrimentos que esse particular modelo social apresenta. Se o conceber de uma redução da dignidade constitutiva do ser humano em sua condição é um elemento que apontamos como uma aproximação entre os pensadores, o que parece haver agora é um distanciamento quanto à compreensão mesma de ser do ser humano.

Apontar a viabilidade de semelhanças e diferenças, sobretudo epistemológicas, entre a filosofia de Heidegger e a de Han, significa abrir espaços de diálogo que podem contribuir

para o alcance de compreensões aprofundadas para as formas de sofrimento contemporâneas.

De um tédio que faz ocultar a condição de ser-aí à depressão pelo esgotamento sob uma positividade ditatorial, os sofrimentos psicológicos referem-se ao ser-aí humano que alcançou uma determinação inconstante na época atual. Uma determinação enquanto sentido de existência que se dá a um só tempo ante um velamento de sua condição originária de ser-aí e que se revela como uma pressão constante por positividade e desempenho sob a aparência da liberdade (Han, 2020). Tais fenômenos e compreensões poderiam ainda ser levantadas exatamente quanto aos desdobramentos da pandemia de Covid-19 que se estendeu por mais de dois anos e elevou os níveis documentados de depressão e ansiedade (Filgueiras & Sults-Kolehmainen, 2020; Racine et al., 2021; Santomauro et al., 2021). Se Heidegger lega um método analítico para alcançar as formas do ser entediado mediante a apreensão da relação com a temporalidade e com a modulação da entrega do ser-aí à sua própria condição, Han oferece balizas sociológicas para compreender também a estruturação fática da rede de relações que modulam o existir humano nesse contexto. A consideração desses sofrimentos contemporâneos sob essa atitude metodológica parece constituir um caminho fenomenológico possível na apreensão aprofundada de sua estrutura originária. Assim, temporalidade, corporeidade e historicidade estão no horizonte de compreensão de ambos os autores quanto à condição humana e, enquanto tal, aos sentidos dos sofrimentos psicológicos contemporâneos.

Considerações finais

A problemática inicial desse trabalho delineou a hipótese de uma possível relação entre os pensadores Martin Heidegger e Byung-Chul Han. Realizou-se então, metodologicamente, uma breve apresentação dos fenômenos das estruturas do tédio e da técnica em Heidegger e da positividade, transparência e psicopolítica em Han (recortes necessários ao escopo do trabalho, reconhecendo a grandeza de compreensões não analisadas aqui acerca dos escritos desses filósofos e que poderiam integrar outros trabalhos de pesquisa), para, em seguida, proceder propriamente a uma relação. Essa se deu pelo apontamento de algumas proximidades e distanciamentos.

Dentre as proximidades pôde-se perceber uma diferença de nível de análise entre os pensadores: Heidegger com interesse ontológico e Han com interesse sociológico ou, no mais, antropológico. Em meio a essa distinção, ambos olharam com particular interesse para a constituição da historicidade na condição atual do ser humano, observando uma forma de restrição ou aprisionamento ante sua condição mais própria. Em Heidegger um desinteresse do ser humano para consigo mesmo, que se mostra em formas de situações nas quais a

condição mesma do ser-aí é efetivamente afastada de vir à tona pela estimulação constante da temporalidade, seja ante o tempo hesitante, seja ante o tempo estagnado. Em Han, uma liberdade que se revela como uma estrutura sofisticada de exploração de si mesmo até uma pressão constante e ameaçadora de ter-de-ser (depressão) e ao esgotamento (*burnout*).

Quanto à corporeidade, ao que parece, Han aponta para um nexos com o corpo vivido marcado pela exploração de si mesmo, que se faz ante a pressão constante por desempenho e positividade, que alteram as possibilidades da atenção ou mesmo do descanso, ou ainda, realizam uma substituição do desejo pelo prazer. Em Heidegger, sob o advento da técnica em que toda a natureza – e o próprio ser humano – são requisitados como técnicos, também a corporeidade parece recair ante a lógica técnica de que tudo pode ser produzido. Essas e outras possibilidades e compreensões requerem, por sua dignidade, uma analítica própria em outros trabalhos.

Dentre as diferenças, é necessário apontar para a compreensão epistemológica de cada autor, evidenciado ainda por Heidegger que, no interesse da ontologia, não se contenta com uma analítica ôntica, algo que se poderia apontar como uma crítica a uma relação lateral com Han. Em Han, contudo, pode-se compreender que a historicidade que fundamenta sua analítica parece ser o último nível de análise, na qual se dá o conjunto das relações e sentidos.

As compreensões obtidas de ambos os pensadores e suas relações parecem despontar como aprofundamento compreensivo dos sentidos dos sofrimentos psicológicos que afetam grande parte da população – especialmente percebidos em elevação estatística durante a pandemia de Covid-19. Depressão e *burnout* referem-se às estruturas que dizem respeito ao próprio modo como se dá a condição humana na contemporaneidade, fator importante para compor as compreensões comportamentais e biomédicas dos sofrimentos psicológicos. Portanto, análises específicas sobre a referência de cada condição de sofrimento à medida epocal, assim como suas terapêuticas a nível individual, grupal, societário ou ontológico, constituem um caminho de desdobramentos em continuidade ou aprofundamento nos aspectos lacunares desse trabalho.

Agradecimentos

Agradecimentos especiais aos professores da graduação em Psicologia, da Universidade de Sorocaba, especialmente a Profa. Dra. Andressa Melina Becker da Silva, orientadora do trabalho de conclusão de curso do qual se originou esse ensaio. Igualmente aos professores Ms. André Sueiro e Dra. Caroline Garpelli Barbosa, membros da banca avaliadora. Suas contribuições impulsionaram, direcionaram e certamente compreendem toda a formação do autor e desse trabalho em particular.

Referências

- Casanova, M.A. (2017). *Mundo e Historicidade: Leituras fenomenológicas de Ser e Tempo: volume I: existência e mundanidade*. Via Vérita.
- Casanova, M.A. (2020). Depressão, Tédio e Técnica em Cristine Mattar. In *Depressão: Doença ou fenômeno Epocal?* (pp. 9–17). Via Vérita.
- Casanova, M.A. (2021). *Tédio e tempo*. Via Vérita.
- Dastur, F., & Cabestan, P. (2015). *Daseinsanálise: Fenomenologia e Psicanálise*. Via Vérita.
- Feijoo, A. M. L. C. de. (2011). *A existência para além do sujeito: A crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológicos-existenciais*. Edições IFEN; Via Vérita.
- Filgueiras, A., & Sults-Kolehmainen, M. (2020). The relationship between behavioral and psychosocial factors among brazillians in quarantine due to Covid-19. *The Lancet Psychiatry*.
- Han, B.-C. (2017a). *Sociedade da Transparência*. Vozes.
- Han, B.-C. (2017b). *Sociedade do Cansaço*. Vozes.
- Han, B.-C. (2020). *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Editora Âyiné.
- Heidegger, M. (2007). A questão da técnica. *Scientiae Studia*, 5(3), 375–398.
- Heidegger, M. (2015a). *Os conceitos fundamentais da Metafísica: Mundo, finitude, solidão*. Forense Universitária.
- Heidegger, M. (2015b). *Ser e Tempo* (10th ed.). Vozes; Editora Universitária São Francisco.
- Holzhey-Kunz, A. (2018). *Daseinsanálise: O olhar fenomenológico-existencial sobre o sofrimento humano e sua terapia*. Via Vérita.
- Husserl, E. (2015). *Investigações lógicas: segundo volume, parte I: Investigações para a Fenomenologia e a teoria do conhecimento*. Forense Universitária.
- Mattar, C. M. (2020). *Depressão: Doença ou fenômeno epocal?* Via Vérita.
- Racine, N., McArthur, B. A., Cooke, J. E., Eirich, R., Zhu, J., & Madigan, S. (2021). Global Prevalence of Depressive and Anxiety Symptoms in Children and Adolescents During COVID-19 A Meta-analysis. *JAMA Pediatrics*, 175(11), 1142–1150.
- COVID-19 Mental Disorders Collaborators (2021). Global prevalence and burden of depressive and anxiety disorders in 204 countries and territories in 2020 due to COVID-19 pandemic. *The Lancet*, 13. [https://doi.org/https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(21\)02143-7](https://doi.org/https://doi.org/10.1016/S0140-6736(21)02143-7)